

VISÃO SENSORIAL E VISÃO ESPIRITUAL: CAMINHOS PARA O (SEU) ENTENDIMENTO

Joana Matos Gomes

Filipe Alves Moreira

Mário João Correia

O presente volume reúne um conjunto de estudos que têm como tópico comum o tema da visão – tanto nas suas dimensões sensoriais como espirituais – na literatura da Península Ibérica do longo século XV. O objetivo que orientou a sua conceção foi o de discutir de que forma o sentido da visão é retratado num conjunto heterogéneo de textos escritos em Portugal e Castela durante este período, procurando determinar se existe uma perspetiva comum sobre a visão como experiência percetiva ou mental ou se, pelo contrário, os textos refletem dissonâncias e exibem posições variadas sobre este conceito.

Justificamos a opção cronológica pela necessidade de considerar o século XV não como unidade definida apenas numericamente, com limites cronológicos (1401-1500), mas entendendo-o como um período histórico e cultural marcado por continuidades e transformações que transcendem essa periodização convencional estrita. Acreditamos que esta abordagem permite compreender os mecanismos de transição da Idade Média para a Modernidade e adquirir uma noção mais abrangente do fenómeno particular aqui em estudo, a visão. Assim, esta perspetiva permite-nos incluir aspetos que remontam ao final do século XIV, um momento em que já se observam transformações socioculturais que podem ser determinantes no modo como é representada e tratada a visão nos textos ibéricos. Pelas mesmas razões, estende-se para além de 1500, uma vez que muitos dos debates e conceções formulados no século XV ainda ecoam nas primeiras décadas do século XVI, influenciando autores e obras produzidas nesse período. Ao adotar-se esta periodização alargada, torna-se possível analisar com maior profundidade as ruturas e continuidades que moldaram a reflexão sobre a visão na Península Ibérica.

Para além disso, procuramos reunir um conjunto de artigos que incidissem sobre textos pertencentes a diferentes géneros discursivos, como a historiografia, a filosofia e a tratadística. A diversidade textual e o amplo arco cronológico proporcionam uma visão abrangente das principais questões abordadas neste volume, nomeadamente: a representação textual e discursiva do sentido da visão e das experiências visionárias (como fenómenos mentais ou espirituais); os aspectos simbólicos ou a natureza profética das visões em alguns textos; as relações entre o sentido da visão e os outros sentidos; e a forma como esses elementos contribuem para a compreensão do conceito de visão espiritual e sensorial no contexto cultural e intelectual da época. Reunindo contributos de académicos de diferentes áreas, este volume propõe uma reflexão aprofundada sobre a conceptualização e o uso da visão na literatura ibérica do longo século XV e os seus significados.

Em «*Credere, arguere, admirare, contuere, excedere et comprehendere: André do Prado and the Six Modes of Bringing the Soul towards Infinity*», Mário João Correia procurou dar a entender uma tipologia filosófica da visão numa importante fonte filosófico-teológica portuguesa do século XV, a saber, *Horologium Fidei* de André do Prado, o famoso diálogo com o Infante D. Henrique. Em primeiro lugar, aponta que esta não é a obra mais importante do autor, mas sim o inédito *Liber distinctionum*, que chegou até nós em cinco manuscritos por estudar. Em segundo lugar, a sua exposição procura apresentar uma forma de teorização de vários tipos de contacto de uma alma finita com o infinito por degraus, exemplificando assim a riqueza do vocabulário utilizado. Esta graduação dá-se através do uso do par conceptual *progressus viae* vs. *consummatio patriae*, conjugado com uma teorização do modo como uma alma finita pode sair de si. Torna-se claro que esta hierarquia é ditada pelo grau de semelhança entre o que procura atingir o infinito e o próprio infinito, sendo que o último grau, a *comprehensio*, está vedado até à alma humana de Cristo, porque supõe uma mesmidade com o infinito. Demonstra de seguida que a passagem do capítulo 3 do *Horologium Fidei* acerca dos seis modos de levar a alma ao infinito é uma cópia, quase *ipsis verbis*, de duas passagens das *Quaestiones disputatae de Scientia Christi* de Boaventura de Bagnoregio. A partir dessa descoberta, propõe uma nova chave de leitura do texto de André do Prado, sustentada por alguns casos identificados, mas que necessitará de um trabalho de identificação de fontes mais amplo: o texto de André do Prado não é mais do que uma colagem de citações, muitas delas não explicitadas. O diálogo entre as duas personagens acabaria por servir como uma espécie de cola, ou elemento mediador, entre as diferentes citações. Por fim, chama a

atenção para uma série de erros fáceis de evitar da edição de Aires Nascimento, apelando para uma reflexão acerca do modo como se deveria trabalhar em textos que convocam uma série vasta de conhecimentos, especializações e aprendizagens provavelmente impossíveis de ser encontrados em apenas uma pessoa, ou sequer uma área do saber. Em suma, é feito um convite para um trabalho colaborativo.

No trabalho de Maria de Lurdes Correia Fernandes, «A visão espiritual pelos “olhos do entendimento” no *Bosco Deleitoso* (século XV)», encontramos uma análise aprofundada do uso do vocabulário da visão no texto de autor anónimo, bem como da sua função nessa viagem espiritual alegorizada por bosques e montes até ao monte alto da contemplação divina. Nessa análise, procura-se mostrar como o vocabulário do sensível atinente à vista é transferido metaforicamente para os olhos do coração, ou do entendimento. Procura-se, igualmente, dar especial atenção aos capítulos do Bosco que não traduzem (ou adaptam) o *De vita solitaria* de Petrarca, de modo a abrir novos caminhos de leitura do texto que o não enquadrem como mera adaptação de outro texto. Se, por um lado, a visão do entendimento é superior em todos os sentidos à corporal, o vocabulário utilizado é essencialmente o mesmo. Neste percurso de purificação do coração, o “mesquinho pecador” deve conhecer-se a si mesmo e apartar-se penitentemente da perigosa e aliciante vida do século, o que supõe um cuidado especial com os sentidos corporais para que estes deem lugar a uma forma superior de visão, para que veja com o coração o que não pode ser visto com o corpo. É de grande importância a presença no *Bosco deleitoso* de uma tipologia decalcada do livro XII de *De Genesi ad litteram* de Agostinho de Hipona, segundo a qual haveria três tipos (três guisas, para parafrasear o *Bosco*) de visão: na versão de Agostinho, *corporalis*, *spiritualis* e *intellectualis*; na do *Bosco*, corporal, imaginária e intelectual. Convocando diversas passagens, sobretudo dos capítulos finais do *Bosco*, justamente aqueles que não são uma adaptação de *De vita solitaria*, Maria de Lurdes Correia Fernandes mostra-nos em detalhe os diversos aspectos dessas três visões e, em particular, o modo como elas ressoam nas três realidades, também elas com uma ordem hierárquica, pelas quais tem de passar a alma do pecador na sua purificação, isto é, o conhecimento do mundo, o autoconhecimento e o conhecimento de Deus. Por fim, abre ao leitor diversas possibilidades de estender esta análise da visão a outras contextos, seja o de obras coetâneas, como o *Orto do Esposo* e o *Vergeu da Consolação*, seja o de compreender o motivo da primeira publicação do *Bosco*, em 1515, num contexto de valorização da vida mundana face aos apelos anteriores ao desprezo do mundo.

A contribuição de Isabel Calvário Correia, «A Arte de Ensinar os Surdos pela Vista: de Ponce de León a Juan Pablo Bonet», oferece uma perspetiva inovadora sobre o uso do sentido da visão, destacando a sua centralidade para a educação e ensino dos surdos. A autora mostra que o léxico das línguas gestuais tem uma provável relação com códigos gestuais utilizados pelos monges beneditinos e cistercienses para cumprir a regra do silêncio. Neste contexto, explora as possíveis relações entre dois pensadores ibéricos que se dedicaram à educação de surdos: Frei Pedro Ponce de León (1508-1584), monge beneditino leonês e um dos primeiros a conceber um método estruturado para a instrução de surdos, e Juan Pablo Bonet (1573-1633), clérigo e pedagogo aragonês, autor de um dos tratados mais influentes sobre o ensino da língua gestual em contexto ibérico.

Regressando a temas relacionados com a visão espiritual, o artigo de Joana Matos Gomes e Filipe Aves Moreira, «Dreams and visions in Fernão Lopes and Gomes Eanes de Zurara. Typologies and functions», faz um estudo comparativo do modo como os dois autores quattrocentistas classificam, descrevem e utilizam sonhos e visões nas suas crónicas, tentando compreender a sua funcionalidade nos textos analisados e de que forma esses aspectos atribuíam aos acontecimentos descritos uma autoridade sobrenatural, revelando-se fundamentais para a afirmação de identidades e para o impulso de um projeto voltado para a criação de uma memória coletiva. Após a análise das implicações das classificações teóricas e dos episódios narrativos em que figuram visões e sonhos, o artigo conclui que as crónicas de Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara apresentam semelhanças e diferenças no uso de fenómenos sobrenaturais e que embora ambos atribuam um papel importante a sonhos e visões na legitimação histórica, o fazem com abordagens distintas: Fernão Lopes foca-se mais no tipo de hierarquização do conhecimento proporcionado por sonhos e visões; Zurara explora menos a questão do valor epistemológico de ambos, realçando mais a sua importância simbólica e a sua função premonitória no contexto das conquistas portuguesas no Magrebe.

O artigo de Sara da Silva Ribeiro, «A Lembrança e o Sentido na *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné por mandado do Infante D. Henrique*», centra-se no estudo da *Crónica da Guiné*, da autoria de Gomes Eanes de Zurara, explorando a relação entre a construção da memória e o papel dos sentidos neste texto historiográfico. Tal como no artigo de Gisela Coronado Schwindt, a autora propõe aplicar as metodologias e as conceções teóricas oriundas da história dos sentidos ao estudo deste texto cronístico com o propósito de compreender quando e como as descrições sensoriais contribuem

para os objetivos gerais do texto: criar uma memória dinástica da Casa de Avis, enaltecer os feitos portugueses durante a expansão marítima no século XV e, sobretudo, exaltar a figura que encarna a herança genealógica de Avis e as proezas guerreiras do coletivo que essa Casa governa: o Infante D. Henrique. O artigo faz também referência à metodologia utilizada para aferir o papel dos sentidos na construção discursiva, começando pela análise de passagens sensoriais. Através de estudos de caso, conclui-se, preliminarmente, que há uma predominância do sentido da visão. O artigo contribui, assim, para o estudo da importância das crónicas na consolidação da memória histórica e apresenta esta investigação como um contributo significativo para o campo da história dos sentidos, um tema ainda emergente na historiografia portuguesa.

O artigo de Gisela Coronado Schwindt, intitulado «Ver, oír y tocar el poder. La construcción discursiva y sensorial de la imagen de los Reyes Católicos en la crónica de Andrés Bernáldez», centra-se na análise da paisagem sensorial criada na *Historia de los Reyes Católicos don Fernando y doña Isabel* de Andrés Bernáldez (c. 1450-1513), cronista e eclesiástico próximo da corte régia. Começando por apresentar considerações teóricas sobre a história dos sentidos e sobre a sua importância e impacto no estudo da Idade Média, a autora concretiza esses preceitos centrando a sua atenção na crónica mencionada. Através de numerosos exemplos, mostra como Bernáldez utilizou estratégias narrativas baseadas em descrições de eventos, como festividades, procissões e cerimónias públicas, que oferecem uma forte impressão sensorial: visual e tátil, transmitida, por exemplo, pela descrição detalhada da indumentária e de objetos luxuosos, e auditiva, presente na descrição da música tocada, dos sons escutados, entre outros. Essas descrições servem para exaltar as figuras de Fernando e Isabel, transmitindo ao leitor uma imagem viva e poderosa de ambos e do seu contexto. A autora defende ainda que as descrições sensoriais presentes na crónica revelam, por um lado, um enquadramento com os valores e expectativas da sociedade castelhana da época no que diz respeito à representação do poder régio, servindo, por outro, como uma forma de exaltar e legitimar a posição política dos Reis Católicos.

A resposta à nossa pergunta inicial revela-se multifacetada, mas o que se extrai do conjunto de textos analisados é a relação intrínseca entre visão e conhecimento. No que diz respeito às visões espirituais, observa-se em alguns desses textos uma tendência para classificar os diferentes tipos de visão segundo o grau e a fiabilidade do conhecimento que proporcionam. Essa orientação classificativa, que constitui uma das preocupações centrais do texto de André do Prado, manifesta-se, ainda que de forma muito mais limitada e circunscrita,

nos textos cronísticos de Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara, que, de modos distintos e com alcances variados, também ensaiam uma tipologia das visões espirituais. Na mesma linha, e como já referido, *O Bosco Deleitoso* apoia-se na classificação agostiniana das visões para, entre outros aspetos, refletir sobre a possibilidade do conhecimento, em especial o conhecimento de Deus por parte da alma.

No que toca à visão enquanto órgão sensorial, a sua potencialidade epistemológica não é debatida de forma conceptual, mas assumida como um dado adquirido. A visão desempenha um papel central na conceção de manuais para o ensino de surdos, funcionando como meio sensorial alternativo para a aquisição da linguagem. Por isso, regista e transmite experiências do mundo que se articulam, pelo seu caráter dominante implícito, com outros sentidos no exercício do poder régio e da conquista. Por conseguinte em consonância com a tradição agostiniana, a visão assume-se como um elemento essencial na construção da memória, tanto individual quanto coletiva.

Os estudos reunidos neste volume demonstram como a visão, tanto na sua dimensão sensorial como na sua dimensão espiritual, se manifesta como um importante elemento integrador, marcando presença em vários domínios da cultura escrita medieval ibérica, e em distintas áreas do saber como é o caso da literatura, da filosofia, da teologia, da historiografia e dos manuais de ensino. A variedade de perspetivas e de temas tratados contribui para uma compreensão mais aprofundada das formas como a experiência visual se exprimia no período em estudo. Além de possibilitarem uma maior compreensão sobre determinados aspetos dos textos analisados, cremos que os ensaios aqui reunidos ilustram os aspetos positivos de uma abordagem interdisciplinar, que permite ver os vasos comunicantes entre história, literatura, conceções religiosas e filosóficas. Esperamos que estes trabalhos inspirem mais e inovadoras investigações sobre esta apaixonante temática.